

## “Num tano com fome, tano com a barriga cheia, já tá bom demais!”: a fome a partir de narrativas do cotidiano

Débora Antonieta Silva Barcellos Teodoro

Universidade de Brasília

debora.antonieta@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2513-3243>

### RESUMO

Este texto se dedica a analisar percepções subjetivas a respeito da fome por meio da interlocução com duas mulheres coletoras de material reciclável, em pesquisa realizada na cidade de Diamantina-Minas Gerais. A partir do entrecruzamento dos métodos etnográfico e histórias de vida, foi possível privilegiar duas questões: como a fome pode mobilizar a ação e quais sentidos as memórias alimentares ou de fome ganham no presente. Inspirada na proposta de Lila Abu-Lughod (2018), de uma “escrita contra a cultura”, esboço uma estratégia narrativa, num esforço textual de demonstrar como histórias particulares permitem perceber como processos mais amplos, como desigualdade e fome, se manifestam nos cotidianos, nos corpos e nas palavras das pessoas.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Fome; Histórias particulares; Antropologia da alimentação.

## “Not being hungry, having a full tummy, it’s already too good!”: hunger from everyday narratives

---

### ABSTRACT

This text is dedicated to analyzing subjective perceptions about hunger through dialogue with two women collectors of recyclable material, in a survey carried out in Diamantina-Minas Gerais. From the intersection of ethnographic methods and life stories, it was possible to focus on two questions: how hunger can mobilize action and what meanings food or hunger memories gain in the present. Inspired by Lila Abu-Lughod’s (2018) proposal of “writing against culture”, I outline a kind of narrative strategy, in a textual effort to demonstrate how particular stories allow us to perceive how broader processes, such as inequality and hunger, manifest themselves in people’s daily lives, bodies and words.

**Keywords:** Subjectivity; Hunger; Private stories; Food anthropology.

## “No tener hambre, tener la barriga llena, ¡ya es demasiado bueno!”: el hambre desde las narrativas cotidianas

---

### RESUMEN

Este texto se dedica a analizar las percepciones subjetivas sobre el hambre a través del diálogo con dos mujeres recolectoras de material reciclable, en una encuesta realizada en la ciudad de Diamantina-Minas Gerais. A partir de la intersección de los métodos etnográficos y las historias de vida, fue posible enfocarse en dos preguntas: cómo el hambre puede movilizar la acción y qué significados adquieren los alimentos o las memorias del hambre en el presente. Inspirándome en la propuesta de Lila Abu-Lughod (2018) de “escribir contra la cultura”, esbozo una especie de estrategia narrativa, en un esfuerzo textual por demostrar cómo las historias particulares nos permiten percibir cómo se manifiestan procesos más amplios, como la desigualdad y el hambre en la vida cotidiana, los cuerpos y las palabras de las personas.

**Palabras clave:** Subjetividad; Hambre; Historias privadas; Antropología del alimentación.

## Notas introdutórias

Este texto é fruto de uma revisitação ao material de campo de uma pesquisa<sup>1</sup> que realizei em 2016, na cidade de Diamantina-MG, com duas trabalhadoras da coleta de material reciclável. À época desenvolvi o campo em interface interdisciplinar<sup>2</sup>, com um diálogo especial com a Antropologia. Havia um interesse muito específico em analisar a desigualdade a partir da questão do trabalho informal na coleta de recicláveis, por meio das histórias de vida das interlocutoras. Entretanto, o que foi documentado em áudio e transcrição transcendeu, e muito, os interesses primeiros, de maneira que, na oportunidade de ouvir novamente e reler o material, com um olhar etnográfico e antropológico mais aguçado, analisarei como a fome atravessou as vidas dessas mulheres.

Importa traçar um breve contexto histórico de Diamantina, que é uma cidade setecentista, formada em função da exploração aurífera e diamantífera pela Coroa portuguesa, de maneira que o garimpo é parte não apenas da história, mas da tradição e da cultura diamantinenses. A estreita e constante relação com a Coroa, bem como a disponibilidade de riqueza mineral, contribuíram para que a história diamantinense fosse marcada por influências europeias num sentido amplo, especialmente na arquitetura.

Atualmente, o conjunto arquitetônico do centro histórico é tombado como Patrimônio Nacional (1938) pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A cidade também é reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio Cultural da Humanidade (1999) e a formação rochosa urbana conhecida como Serra dos Cristais é tombada como bem natural (2010) pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA). Quanto a principal atividade econômica que mobilizou a formação da cidade — o garimpo — há ocorrências recentes de garimpo ilegal, além de remanescências de garimpo artesanal, praticado por pessoas com histórico familiar ligado a tal tradição.

---

<sup>1</sup> Na pesquisa acadêmica da qual deriva a presente análise, discutiu-se como são construídas experiências de subjetividade de mulheres que trabalham de modo autônomo na coleta de materiais recicláveis, no município de Diamantina-MG. Foi dada especial atenção às histórias de vida, para analisar como emergem as tensões entre indivíduo e sociedade, bem como para pensar a respeito dos processos reflexivos a partir dos quais seres humanos tornam-se sujeitos e interpretam o mundo em que vivem. À época, tratando-se de uma pesquisa de Iniciação Científica, os dados foram trabalhados num esforço para compreender, ainda que timidamente, o universo simbólico destas mulheres e as contraposições à dimensão teórica e aos discursos hegemônicos, a saber: questões de gênero, desigualdade e intersubjetividade.

<sup>2</sup> Além do trabalho de conclusão de curso, há mais informações em Teodoro; Mattos (2019).

É importante chamar a atenção para a localização da cidade, no Vale do Jequitinhonha, em sua porção mais alta. O Vale emerge enquanto região político-geográfica no contexto da implantação de projetos desenvolvimentistas por governos militares, nas décadas de 1960–70, sob a prerrogativa de se tratar de um bolsão de pobreza no estado de Minas Gerais (SERVILHA, 2012). Mesmos nos dias de hoje, muito se fala e se escreve sobre pobreza, miséria e fome no Jequitinhonha.

Apesar de Diamantina também estar inserida no Vale, os títulos patrimoniais e a valorização do potencial turístico são os aspectos que mais se destacam nos estudos e publicações sobre a cidade. A atmosfera ufanista quanto às glórias de um passado que lapidou o presente a partir da extração mineral, e que reverbera interesses e preconceitos da herança ocidental, se sobrepõe ao contexto escravagista de suas origens. E mais, encobre, em certo sentido, os contrastes sócio econômicos materialmente percebidos na contemporaneidade, por exemplo, ao se olhar para o centro histórico e as periferias. Se as desigualdades não interessam ser evidenciadas nas narrativas produzidas para exaltar a cidade patrimônio, o que dizer da fome que, segundo Josué de Castro (1984), é um tema proibido pelas elites?

É nesse lugar de contrastes e paradoxos, em meio a meu próprio cotidiano, que os cotidianos de duas pessoas específicas me despertaram a atenção. Cabe pensar o cotidiano nos termos de Michel de Certeau (1994), quando o autor argumenta que as práticas cotidianas de pessoas ordinárias produzem diferenças e multiplicidades. Também a respeito do cotidiano, Lila Abu-Lughod diz que:

[...] ao quebrar a coerência e introduzir o tempo, mantém-nos atrelados ao fluxo e à contradição. E os particulares indicam que os outros vivem do mesmo modo como nos vemos vivendo, não como robôs programados por regras “culturais”, mas como pessoas seguindo a vida e amargando decisões, cometendo erros, tentando se manter apresentáveis, suportando tragédias e perdas pessoais, desfrutando da convivência umas das outras e encontrando momentos de felicidade. (ABU-LUGHOD, 2018, p. 214–215).

Em meio a esses fluxos e movimentos, interessada em compreender como pessoas comuns e que exerciam um trabalho subalternizado e informal percebiam a si mesmas e produziam seus próprios cotidianos, me aproximei das interlocutoras, Joana e Margarida.

Opto por não utilizar seus nomes reais ancorada em ideias de Cláudia Fonseca (2007) que argumenta que: i) o caráter do texto etnográfico não é transcrever a realidade de maneira literal, mas descrever pormenores da vida social; ii) também não se trata de

reverberar causas nativas, mas provocar a reflexividade do leitor quanto a seu próprio sistema de classificação, a partir da produção textual de cenas de subjetividades que escapam das lógicas previstas pela hegemonia; iii) há de se considerar o caráter privado da intimidade quando se lida com os cotidianos das pessoas. De maneira que “o anonimato das personagens do texto etnográfico não implica necessariamente numa atitude politicamente omissa do pesquisador” (FONSECA, 2007, p. 42). Não obstante, a autora também compreende que não cabe ao interlocutor prever possíveis consequências de seu consentimento informado. Ademais, em meu trabalho propriamente dito, tratando-se de uma pequena cidade interiorana, minhas interlocutoras manifestaram o interesse de supressão de suas identidades<sup>3</sup>.

Joana e Margarida são mulheres septuagenárias, aposentadas, mães de muitos filhos e avós de muitos netos, que residem em Diamantina há mais de meio século. Elas encontram na coleta e venda autônoma de material reciclável um meio para complementar os rendimentos mensais. Suas histórias de vida possuem similaridades e diferenciações, aproximações e distanciamentos, e ambas podem ser assumidas como reverberações de realidades de muitas outras mulheres, resguardadas as respectivas peculiaridades e idiossincrasias, de maneira que recorro à antropologia da subjetividade, nos termos de Sherry Ortner (2007), para analisá-las.

Ortner (2007), ao se referir a autores que buscaram resgatar o sujeito atuante para uma teoria social, apontou a tendência de minimização da subjetividade. Para ela, a subjetividade “é uma das dimensões principais da existência humana, e ignorá-la, teoricamente é empobrecer o sentido humano das chamadas ciências humanas” (p. 380). Por meio de histórias de vida, a subjetividade e a identidade se constituem em importantes fontes de análise não só pelo modo como a experiência do sujeito é construída, mas, também, de como ele assimila a estrutura social da qual é parte.

Não obstante, as histórias de vida se constituem em significativos instrumentos de apreensão e expressão de experiências sociais. Segundo Suely Kofes (1998), as histórias de vida, diferente de outras narrativas biográficas, exigem procedimentos analíticos que devem levar em conta pelo menos três de suas características: elas exigem a presença do pesquisador como fomentador do relato; apresentam material biográfico restrito à situação

---

<sup>3</sup> À época, o processo de obtenção de aceite à participação demandava a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo formato aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) da UFVJM, instituição em que eu estudava, demandava que as interlocutoras manifestassem o interesse ou não pela preservação de suas identidades.

da entrevista e constituem-se, por conseguinte, como uma narrativa que evoca aspectos da vida individual referentes ao tema da investigação.

Embora se trate, em todo caso, de narrativas que atribuem sentido a uma vida individual, as histórias de vida possuem, portanto, a peculiaridade de expressar o ponto de vista dos sujeitos em uma situação que pressupõe, necessariamente, um outro e as expectativas em relação a ele (CRAPANZANO, 1985). Assim, a dimensão reflexiva torna imprescindível a dimensão empírica.

No exercício de adentrar nos mundos subjetivos de Joana e Margarida, me inspirei também em Carolina Maria de Jesus, que em seu livro “Quarto de despejo” (1960), apresentou, por meio de uma escrita autobiográfica, modos peculiares de descrever a cidade de São Paulo na década de 1950. Moradora da extinta favela do Canindé, utilizando-se de sua vivência e de uma perspectiva crítica subjetiva e instigante, registrou:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais famosa da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas. (JESUS, 1960, p. 76).

Mais que meras impressões, Carolina apresentou duas realidades distintas neste trecho, por meio de comparação. A primeira, objetiva, percebida nos modos de mulheres e crianças se vestirem, nas fachadas das casas e na paisagem da área urbana economicamente diferenciada. A segunda, subjetiva, quando diz ter a impressão de estar no paraíso ao transpor o espaço da favela, bem como de classificar a área em que vive como “úlceras da América Latina”. Carolina descreve a realidade social por ela percebida e vivida, permeada pela desigualdade. É a trajetória de Carolina que media sua visão de mundo e seu olhar sobre as coisas. Trata-se do pulsar da favela, da vida da favela, da favela em si e do “outro lado” da cidade por essa mulher da favela.

Importa, entretanto, pontuar o entendimento de que privilegiar a dimensão subjetiva não implica em se furtar da importância da dimensão contextual. Ao contrário, o contexto é crucial tanto no processo de constituição do próprio sujeito, quanto na tarefa de tentar compreender como as macroescalas atuam e/ou refletem nas microescalas. Não obstante, a produção de “cenas e subjetividades ‘outras’” (FONSECA, 2007, p. 46)

estimulam a reflexividade do leitor, o que, segundo Fonseca, dá sentido ao texto etnográfico.

Destarte, na proposta de olhar com novos interesses etnográficos para uma pesquisa realizada há alguns anos, compartilharei, separadamente, aspectos das vidas de Joana e Margarida, num formato de histórias que elaborei a partir dos diálogos que tive com cada uma. Para esse estilo de escrita antropológica, me inspiro na escrita de Lila Abu-Lughod (2020), no livro “A escrita dos mundos de mulheres: histórias beduínas”. Minhas interlocutoras me contaram trechos de suas vidas de maneira aleatória e o que fiz nesse texto foi um esforço de organizá-las em certa temporalidade linear, privilegiando a temática da fome.

Também inspirada na proposta de Abu-Lughod, quanto a uma “escrita contra a cultura” (2018), arriscarei uma espécie de estratégia narrativa, uma vez que me interessa demonstrar como histórias particulares (ABU-LUGHOD, 2020; 2018) permitem perceber como processos mais amplos se manifestam nos cotidianos, nos corpos e nas palavras das pessoas.

## **“Só pus na cabeça assim: Deus é grande e o mundo é lá!” Histórias de Joana**

Joana é uma senhorinha de baixa estatura, que usa sempre um lenço na cabeça e anda apressada pelas ruas do centro histórico de Diamantina, empurrando seu carrinho de mão repleto de fardos de papelão cuidadosamente dobrados e amarrados. O centro histórico da cidade se situa numa média vertente e a acessibilidade é uma questão sempre em debate. O calçamento dessa área é muito irregular, assim como os passeios, o que dificulta a mobilidade de Joana com seu carrinho tanto no trajeto de coleta, quanto no trajeto até sua casa que fica na parte baixa da cidade.

Na primeira vez que me aproximei dela, perguntei se pagavam bem pelo papelão. A resposta foi rápida: “Bem não pagam, mas o que eu ganho não é suficiente e isto aqui me ajuda um pouco!”. Conversamos por alguns minutos. Esse foi o primeiro de muitos encontros rápidos. A criação de uma relação de proximidade se deu de maneira paulatina. Quando propus à Joana participar de minha pesquisa, ela respondeu prontamente: — menina! Vamos precisar de mais de um dia [de conversa], pois tenho muita coisa para contar!

Ao longo de nossos encontros, a história por detrás daquele corpo aparentemente frágil e marcado pelo tempo, começou a ganhar contornos. Joana relatou uma infância difícil. Atribuiu o sofrimento dessa época, em certa medida, ao fato de ter perdido o pai ainda criança. As memórias da relação com o pai provocavam nela uma tristeza bastante aparente. Nas palavras sobre ele, sempre um tom carinhoso e uma voz embargada, que era justificada como saudade do colo, das brincadeiras e afagos. Após a morte do pai, numa família de muitos irmãos cuidados exclusivamente pela mãe, que tinha na agricultura de subsistência um dos poucos recursos alimentares, Joana viu no casamento uma estratégia para tocar a própria vida. Casou-se muito jovem e teve cinco filhos.

Joana morava com o marido e as crianças no município de Datas, que fica a cerca de vinte quilômetros de Diamantina. O homem, cujo nome ela nunca mencionou, prestava serviços de lida na roça para outras pessoas, como moagem de cana e capina de roçados. O marido não nomeável trabalhava quando queria, fugia do serviço e achava que era a mulher que tinha que se virar para se alimentar e alimentar os filhos. Ele comia nos locais em que trabalhava e não levava provisões para casa. Joana conta que nem via comida, que não tinha nem para ela e nem para os meninos. A família alternava entre viver na cidade e na zona rural.

Certa vez, na cidade, Joana caiu na cama adoentada. Tentou tratar uma febre que não cedia e um estado de fadiga extrema com chás. Sua saúde ficou debilitada ao ponto de não dar fé de nada e os filhos chegaram a dormir sem banho por dias. A alimentação das crianças era gentilmente fornecida por uma vizinha, que também pegava água fresca num chafariz público e levava para a casa de Joana, que não conseguia ingerir quase nada. O marido, cujo dinheiro ninguém via e cujo trabalho ninguém conhecia, estava ocupado em um serviço na roça. A situação de Joana se agravou e, com receio de que ela morresse sozinha em casa com as crianças, alguns conhecidos foram atrás de seu marido. O que foi pior! O homem, em casa, sentava ao lado da cama da esposa e a xingava a noite inteira, dizendo que aquela doença era pirraça. A mulher não conseguia reagir.

Uma das vizinhas de Joana, vendo seu estado, foi ao posto médico e trouxe remédios, um rosa e um branco. Joana os tomava aleatoriamente, sem sequer saber que medicações eram e nem para quê exatamente serviam. Foi melhorando aos poucos e quando conseguiu se levantar, “quentava” um solzinho, para auxiliar na recuperação. O marido em nada ajudou.

Nas idas e vindas entre roça e cidade, entre omissões e agressões do marido, uma briga violenta foi o estopim. Joana apanhou, mas bateu também. Teve as roupas rasgadas,

mas rasgou as roupas do homem também. Foi uma pancadaria. E não tinha ninguém para apartar, porque na ocasião estavam morando longe de tudo, no meio do mato, num lugar deserto. Quando o homem saiu após a briga, Joana “virou a cabeça” e decidiu que não ficaria naquele lugar para morrer de fome com os filhos. Juntou as roupas numa sacola, partiu com os filhos para Datas, numa caminhada sofrida. Já na cidade, dormiu na casa de uma amiga e no dia seguinte pegou uma carona com as cinco crianças para Diamantina. Ela não tinha para onde ir. Em suas próprias palavras, seu amparo eram as nuvens. Não havia destino. Todo mundo falou que ela era louca. Joana estava exausta de tudo aquilo. “Só pus na cabeça assim: Deus é grande e o mundo é lá!”.

Na nova cidade foi abrigada na casa de uma amiga que havia ficado viúva e se mudado para Diamantina. Ficaram lá até que Joana conseguiu arrumar um ranchinho<sup>4</sup> para morar. À medida em que conhecia as pessoas desse novo lugar, pequenos serviços de lavadeira e faxineira iam aparecendo. As crianças ficavam trancadas em casa, sozinhas, ou então com uma vizinha, a quem Joana fazia questão de remunerar com parte do pouco que ganhava para si mesma. Até que apareceu um emprego melhor, na prefeitura da cidade. Apesar da formalidade do trabalho, os proventos não eram pagos mensalmente. Mas o “nome limpo” conferia crédito e no comércio faziam armazém<sup>5</sup> para que a mãe pudesse comprar o que ela e os filhos precisassem. Joana sempre tinha comida para dar a seus meninos.

O marido, ou ex-marido, procurou a ex-companheira por três ou quatro vezes, mas ela não cedeu às investidas. Até que um dia não voltou mais e ela nunca mais o viu e nem ouviu falar dele. Joana não sabe se se define como separada, viúva ou solteira. E acha muita graça da situação, apesar de toda violência — moral, física e material — pela qual passou.

Seguiu sozinha na criação dos filhos e, como já mencionado, por muitas vezes os deixou sozinhos em casa para poder trabalhar. “Meus filhos eram presidiários de mim” — afirma, toda vez que se refere a esses episódios. Deixar cinco filhos pequenos trancados dentro de casa a colocou em algumas situações delicadas, como quando o filho mais novo, ainda engatinhando, ingeriu algo desconhecido, que mais tarde Joana veio a saber que era uma “mil pé”<sup>6</sup>. O caçula ficou com a boca inchada, sangrando e a mãe recorreu a um

---

<sup>4</sup> Tipo de edificação simples, de madeira, barro e capim, comum em áreas periféricas da expansão urbana diamantinense na segunda metade do século XX.

<sup>5</sup> Fazer armazém é uma expressão que se refere a compra a crédito, muito presente em relatos de moradores antigos de Diamantina e região.

<sup>6</sup> Nome popular de uma centopeia que se abriga próximo a encostas rochosas, comum na região.

médico da cidade que prestava assistência gratuita. O menino não precisou de internação, mas deu um susto grande na mãe, que por sua vez precisava manter a rotina de deixar a prole sozinha em casa quando necessário. Joana não podia ficar em casa cuidando dos filhos, pois precisava sair para trabalhar e poder alimentá-los. E assim foi a vida enquanto precisou cuidar dos filhos.

Atualmente, apenas um deles mora com a mãe. Na rotina de coleta de material reciclável, Joana circula pela cidade durante o dia todo. Ela não gosta de ficar em casa. Se define como uma mulher que nunca ficou dentro de casa. Já pensou em largar o trabalho com recicláveis, mas o dinheiro extra é fundamental para pagar as contas de luz, de água, para comprar comida e, também, para custos com viagens que ela gosta de fazer de vez em quando, seja para visitar os filhos, os parentes ou para alguma excursão para festas religiosas. Acostumada à rotina da cidade de interior, não tem vontade de voltar para a roça — especialmente pela falta de companhia. Se orgulha de não precisar pagar aluguel e afirma que o sofrimento de quando viveu com o marido e em relação à fome e à dificuldade de criar os filhos sozinha ficou no passado.

Hoje, graças a deus, minha casa que eu moro nela não é boa não, é pequenininha, mas é minha. Não dependo de aluguel, fui eu mesma que construí, então graças a deus, a ponto de comida não me falta nada, a ponto de dormida não me falta nada, então quer dizer... a ponto de pobre eu tenho minhas coisinha tudo, sabe... (Joana, entrevista, 15/09/2016, Diamantina).

## **“Que a gente já vai ficando velho e ficar sem um torresmo não dá não, né?!” Histórias de Margarida**

Um dos pontos turísticos mais visitados de Diamantina é o Centro Cultural David Ribeiro, popularmente conhecido como Mercado Velho, construído em 1835 para servir de ponto de venda de mercadorias trazidas das zonas rurais por tropeiros. Aos sábados contemporâneos, o Mercado abriga uma feira de variedades, com música ao vivo, comidas típicas, artesanatos, produtos hortifrutigranjeiros cultivados por moradores da região etc. A circulação de turistas e moradores é intensa. Trata-se de um espaço em que se faz presente a diversidade social da cidade.

Em uma de minhas idas ao Mercado Velho, num sábado qualquer pela manhã, me vi em frente a uma senhora que carregava um saco enorme cheio de latinhas. Quando ela viu que eu pretendia passar, se recolheu, de modo a liberar a passagem, e permaneceu

calada e cabisbaixa. Eu passei, agradei e disse que ela não precisava ter feito aquilo. Ela permaneceu com os olhos baixos e depois saiu.

Neste dia, acompanhei e busquei respeitar o silêncio daquela senhora. Num encontro posterior, me aproximei e perguntei como ela se chamava. Desta vez, fui olhada nos olhos e recebi minha resposta: — Margarida!. Após esse dia, nas vezes em que nos encontramos, a chamei pelo nome. Costumava receber um aceno com a cabeça. Aos poucos fomos ficando à vontade uma com a outra e a convidei para participar de minha pesquisa, o que foi aceito de pronto.

Cheguei à casa de Margarida, pela primeira vez, numa manhã nublada. Uma moradia simples, com piso de cimento queimado vermelho, um jogo de sofá na sala, uma mesa e uma televisão pequena no canto. O telhado é de amianto. Tudo limpo. Muito limpo. Cheirinho de lenha queimando no fogão. Cortinas de tecido faziam vezes de portas para dividir os cômodos. Ali aconteceram nossas prosas.

A infância de Margarida foi sofrida. O pai, Zezé, era um homem bruto, inclusive no trato com as filhas e filhos. Margarida foi uma criança que, desde os sete anos de idade, se ocupava da lida na roça e do garimpo — junto ao pai, à mãe e aos irmãos. Fosse no garimpo ou na roça, a desatenção das crianças era punida com surras do pai, um verdadeiro carrasco. À mãe restava interceder ou tentar tomar os filhos das mãos furiosas do homem, muitas vezes sem sucesso. Margarida lembra de tomar cambitadas na cabeça, como se fosse um animal, e de ser jogada dentro do rio pelo pai. Era sempre salva ou consolada pela mãe.

Apesar do pai bronco e violento, nessa época não passavam fome. A família criava porcos e galinhas e plantava uma pequena variedade de alimentos, de maneira que o excedente — milho, farinha, abóbora, broto de samambaia e “tudo quanto há” de verduras — era comercializado a preços baixos na cidade, exatamente no antigo mercado dos tropeiros, atual Mercado Velho, onde conheci Margarida. Os produtos da roça eram trazidos no lombo de animais e, vez ou outra, as crianças acompanhavam o pai. Do comércio local levavam produtos como feijão, quando estava fora do tempo da colheita, arroz, rapadura e toucinho. Entretanto, na rotina de pequeno comerciante, quando ia à cidade para receber dos clientes de seus produtos da roça, Zezé deixava a família para trás e gastava o dinheiro com bebida e mulheres. Margarida conheceu algumas delas.

Além dos produtos alimentícios, a mãe de Margarida plantava uma variedade de folhas de chá, das quais a mais lembrada é folha de fedegoso, que passava por secagem,

torra, era coada como café e adoçada com rapadura ou com uma espécie de melado, obtido pela soca da cana no pilão e posterior fervura. Era uma bebida amarga, que curava febre de crianças e adultos.

A vida na roça se estendeu até a juventude de Margarida. Quando tinha por volta de 19 anos, se mudou para a cidade com a família. Aos 22 anos se casou com o marido com quem vive atualmente. No casamento, em que o marido chegou bêbado, teve um forrozinho, comida e cachaça. Mais cachaça que comida. Todos comeram e beberam muito, inclusive a noiva. Tais fatos foram contados entre risadas e olhares cúmplices entre Margarida e o marido, que sempre esteve presente durante nossas conversas, sem que intervisse e sem que sua presença intimidasse a esposa. Da união nasceram cinco filhos e doze netos.

Quando o filho mais velho tinha menos de um ano, a mãe de Margarida morreu. Tomou soda cáustica. Sucumbiu à tristeza por causa das traições e do comportamento do companheiro. Perda que faz os olhos de Margarida marejarem em qualquer que seja a circunstância em que mencione a mãe.

Não bastasse o comportamento do pai, o marido de Margarida também teve sua fase de trocar as responsabilidades com a família pela bebida. Gastava o dinheiro que ganhava com farras e deixava faltar comida em casa, de maneira que a mulher chegou a passar fome com os filhos. A experiência com o garimpo artesanal salvou Margarida e os filhos desse tipo de situação. Com o pouquíssimo ouro que conseguia retirar do rio, comprava o que dava — “um quilo de fubá e um pouco de gordura, para fazer fubá suado para dar para as crianças”. Era o tempo de dar aos filhos o que comer e voltar para o rio para tentar achar mais ouro, porque realmente aqueles foram tempos de muita falta. E, segundo Margarida, a fome dói.

O tempo organizou a relação dela com o marido. Ele foi acometido por um derrame, tem dificuldade de locomoção, mas os dois vivem bem, cuidando um do outro. O tempo também dissipou do coração de Margarida qualquer mágoa com o pai, de quem ela cuidou até a morte, que se deu em decorrência de uma debilidade crônica por conta da bebida.

A respeito da rotina de trabalho na coleta de latinhas de alumínio, Margarida vai ao Mercado quando dá. Ela só faz a coleta lá. Possui uma relação com o lugar. Se alegra ao ver o movimento, as pessoas dançando. De vez em quando ela ganha um pastel, um suco e, enquanto come, se diverte observando o entorno.

Ela sente falta da roça, mas entende que não tem forças e nem idade mais para dar conta da lida. Lamenta por não ter um espaço para plantar algumas coisas em casa, porque sente falta de ter o quê de comer no quintal. Poder plantar para o consumo próprio e o sossego do campo são saudades bastante manifestas em suas palavras.

A fome também ficou no passado. Apesar da vida ainda difícil, que demanda o trabalho na coleta de latas de alumínio para complementar a renda familiar, a fome ficou para trás.

Se tava meio apertado eu vendia as latinhas pra ajudar dend'casa, pra ajudar, pra pagar um gás, né? Pra comprar um torresmo de carne. Que a gente já vai ficando velho e ficar sem um torresmo não dá não, né? Já comeu muito sem o torresmo, agora tem que ter um torresminho. [...] Comer as coisas que a gente gosta! Agora a gente já tá veio. Comer do bom e do melhor, tano com a barriga cheia, num tano com fome, tano com a barriga cheia, já tá bom demais! (Margarida, entrevista, 19/07/2016, Diamantina).

## Refletindo a partir de Joana e Margarida

*As experiências de fome aproximam-se uma das outras na conformação de um mundo cotidiano intersubjetivado, compartilhado, vivenciado por outros que também experimentam situações semelhantes, e por isso podem ser interpretadas de modo semelhante. As diferenças e similitudes entre as pessoas formam um acervo de saberes (pensamentos e práticas), fundados na experiência subjetiva do mundo cotidiano, ordenado em dimensões temporais, espaciais e sociais de cada situação vivida. (FREITAS, 2003, p. 64).*

Inspirada por Maria do Carmo Soares de Freitas (2003), inicio minhas reflexões. Nas histórias de Joana e Margarida a precariedade material, num sentido amplo, se manifesta em diferentes níveis e em distintos momentos de vida nas narrativas das duas mulheres. Associada à precariedade material, há uma emergência da questão alimentar, com menções significativas a respeito de momentos de privação, insegurança e até mesmo de fome. Josué de Castro (1984) já chamava a atenção à infinita variedade dos tipos de fome possíveis. Apesar de ter se dedicado a investigar a fome enquanto fenômeno coletivo, são as manifestações cotidianas que fomentam o todo, de maneira que as classificações utilizadas pelo autor podem ser observadas nas histórias de Joana e Margarida, como veremos a seguir. Transversalmente às especificidades alimentares, as relações de gênero também são definidoras dos cotidianos dessas mulheres.

**Joana** transitou de uma infância com referências de um pai amoroso e presente, para a falta do pai e carestia material; depois, para uma relação conjugal de violência e privação alimentar e, por fim, para uma vida solitária com os filhos. A fome relatada por Joana em ocasião de quando era casada, se enquadra na ideia de fome total em um contexto de contingência (CASTRO, 1984), posto que não havia nenhuma disponibilidade de alimento e ela estava sob o jugo de um marido negligente e algoz.

A narrativa de Joana a respeito de sua relação conjugal remete, em certa medida, à relação de Lúcia e Flávio, no documentário *Garapa* (2009), de José Padilha. Lúcia é mãe de três meninas e vive num contexto de absoluta miséria numa periferia urbana de Fortaleza. Não apenas a falta de alimento, mas também de condições sanitárias básicas de existência, como rede de esgoto e água filtrada, expõem Lúcia e as filhas ao risco eminente de doenças. O marido, Flávio, aparece bêbado em todas as cenas do filme. Além de não prover nada para a sobrevivência da família, vende mantimentos que a mulher recebe de pessoas que se solidarizam com sua situação. O homem também ameaça a esposa, sem constrangimentos, na frente das câmeras, além de criticá-la pelas condições anti-higiênicas do lugar em que moram.

Em função do conjunto de privações alimentares e sanitárias, a filha mais nova de Lúcia é acometida de uma desnutrição moderada e a mãe recebe orientações de uma agente de saúde. Para além da situação da criança, a profissional orienta a mãe a respeito de sua relação com o companheiro, inclusive quanto ao risco de contrair alguma infecção sexualmente transmissível. Ao que Lúcia reage de maneira constrangida, mas claramente subjugada pelo homem, a quem ela não demonstra ter intenção de deixar. Não obstante, é possível perceber em Lúcia uma perspectiva simbólica parecida com a que Freitas (2003) relata em seu estudo sobre comunidade do Péla, em Salvador, de que “os famintos revelam a falta de esperança em mudar o estado de miséria e por essa razão não escolhem os modos de vida, mas tentam interpretá-los em suas próprias visões de mundo” (p. 14).

Enquanto Lúcia, no Brasil do século XXI, permanece emocionalmente vinculada ao companheiro, Joana, no Brasil do século XX, não se sujeitou ao jugo imposto pelo marido. A violência material vivida por Joana, com privação de bens essenciais, culminou na violência física. Tal situação, especialmente no que tange à fome, impeliu Joana a rejeitar sua condição de sujeitada ao marido. Tornou-se sujeito ao tomar as rédeas de seu próprio destino e do destino dos filhos. A situação de fome mobilizou as decisões de Joana quanto a mudar de vida.

Cabe esclarecer que não se trata de estabelecer juízo de valor a respeito das atitudes de Lúcia em relação às atitudes de Joana. É importante pontuar o entendimento de que a dominação masculina, no modelo ocidental de sociedade e de família, se faz presente em ambas situações. Pierre Bourdieu (2017) buscou compreender e explicar os mecanismos simbólicos que concebem, reforçam, legitimam e perpetuam o androcentrismo. A ideia de violência simbólica, mecanismo pelo qual se realiza a dominação masculina, é definida como um tipo de violência, “invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2017, p. 7–8). E, ainda segundo o autor, este tipo de processo é responsável “pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural” (BOURDIEU, 2017, p. 8).

Entende-se, portanto, que a violência simbólica sobre o universo feminino, fato gerador de um processo histórico de dominação, controle, negação, subjugação etc. das mulheres, ocorre por vias aparentemente dadas, como se fosse o curso natural, num contexto em que o universo masculino é a medida e o parâmetro para todas as coisas. Romper com tal lógica não é algo simples, visto que a assimilação inconsciente por parte dos dominados é um componente fundamental do mecanismo de dominação. Não somente a ação mobilizada pela fome, mas, também, as referências do pai zeloso, provedor e cuidadoso, sempre presentes nas memórias de Joana, é um elemento relevante de como ela interpreta o mundo e lida com a realidade.

Diferentemente de Lúcia, Joana rompeu com o processo de dominação por parte do marido. Entretanto, a subjugação feminina naturalizada (BOURDIEU, 2017) reverberou em outras situações de sua vida, a exemplo de quando ela foi classificada como louca, ao sair pelo mundo sozinha com os filhos. Cabe ressaltar que a compreensão contemporânea do gênero não se limita ou reduz à dominação masculina. Gayle Rubin (2017), por exemplo, propõe que o gênero seja pensado a partir de uma perspectiva relacional. E, em grande medida, as atitudes de Joana corroboram com isso.

Já no contexto da nova vida em Diamantina, uma mulher com cinco filhos pequenos, diante do desafio de alimentá-los, vesti-los e abrigá-los, decidiu por deixá-los em casa para sair em busca de sustento. Em uma época em que não havia amparo do poder público a este tipo de situação, por meio de creches e escolas (CIMA; VALE, 2016), a alternativa de Joana foi tomar a atitude de deixar as crianças sozinhas trancadas em casa para que pudesse trabalhar para alimentá-las. Ao dizer que os filhos eram presidiários dela

mesma, Joana se coloca na posição extrema de carcereira deles. Isso demonstra que ações mobilizadas pela fome, ou são limitadas ou nem sempre são positivas, desde uma perspectiva do que é socialmente convencional. Mas Joana fez o que lhe era possível fazer e, graças a suas atitudes, mesmo em uma situação de fome parcial (CASTRO, 1984), ela conseguiu criar os filhos.

No tempo presente, a partir das memórias do passado, Joana se vê como alguém que conseguiu vencer muitas adversidades. Ela tem consciência de sua condição enquanto membro de uma sociedade desigual, mas se orgulha do pouco que conquistou — sozinha — ao longo da vida.

**Margarida**, diferentemente de Joana, teve uma infância marcada por um pai presente, porém, violento com os filhos e infiel à esposa. As situações de violência física contra os filhos e de infidelidade remetem à dominação masculina (BOURDIEU, 2017), mas em perspectiva distinta daquela presente na história de Joana, em que ela foi vítima das agressões do marido e do julgamento da sociedade. Na história de Margarida, é no cerceamento do direito de sua mãe defender plenamente os filhos das agressões do pai e na aceitação social de relações extraconjugais que a subjugação feminina se manifesta. São faces distintas de um mesmo fenômeno.

Apesar desse contexto desfavorável a boas lembranças, nas memórias de Margarida sobre a infância na roça destaca-se a fartura de alimentos proporcionada pelo modelo de cultivo para subsistência, com comercialização sazonal de excedentes no Mercado de Diamantina. Essa experiência vivida pela minha interlocutora remete a um modo comum de cotidiano campesino no semiárido mineiro, também documentado no texto de Aderval Costa Filho (2016) a respeito dos Gurutubanos, que comercializavam seus excedentes na feira de Mato Verde.

Esse contexto permeado pelas referências alimentares também estabelece o lugar, considerado um importante gatilho de memórias (PORTELLI, 2016), como um marco importante. É a partir do Mercado Velho que emergem as memórias da parte boa de sua infância. Isso me leva a crer que são essas memórias que fazem com que Margarida se sintam bem quando lá está, a despeito da realidade atual de trabalhar coletando latinhas de alumínio num espaço que, para muitos outros, é um lugar de lazer.

Outro aspecto que chama a atenção na história de Margarida é a referência à comida e bebida no dia de seu casamento. Não somente a fartura de alimento, mas, também, a alegria e o clima festivo são muito valorizados. O fato da noiva também ter bebido da

pinga que era servida indica que a relação com a bebida não era necessariamente um problema, salvo quando o excesso interferia nos juízos dos homens, a exemplo da época em que o marido deixou Margarida e os filhos passarem fome. A expressão encontrada pela minha interlocutora para atribuir significado a seu corpo, nos termos de Freitas (2003), no momento de sua vida em que passou fome, foi a linguagem da dor. Inconformada com a negligência do esposo e rejeitando uma condição de total dependência dele, recorreu ao conhecimento familiar da arte do garimpo artesanal para garantir o mínimo de alimento para ela mesma e para os filhos.

Um fato que também se destaca nas memórias de Margarida é a saudade da mãe. A tristeza que ocasionou a morte dela simbolizava outro tipo de fome, que não a fome de comida. A fome do amor, do afeto e do amparo emocional do marido foi findada de forma trágica. A mulher que ensinou a filha a cultivar plantas medicinais que curavam encontrou na morte por envenenamento o alívio para sua dor.

Outra saudade que faz refletir sobre o presente é de ter um pedacinho de terra disponível para que o alimento e os remédios cultivados no quintal pudessem estar ao alcance das mãos. A tradição da vida de outrora no campo é cerceada pelo espaço limitado do habitar na cidade, que modifica hábitos e cria novos costumes.

Também a respeito do tempo presente, quando afirma que “já comeu muito sem o torresmo”, Margarida corrobora com a ideia costumeira de que num bom prato de comida no Brasil, a carne é essencial. Mas tal afirmação também remete à fome oculta (CASTRO, 1984), que diz respeito a certa constância da falta de alguns elementos nutritivos, a exemplo da proteína animal. A fome oculta foi parte da vida de Margarida e dos filhos à época em que o alimento que os salvava era o fubá suado com gordura. Para quem já passou fome, poder comer o “torresminho de carne” com frequência é a materialização da superação da condição pretérita. Também baseada em sua condição material de comer carne todos os dias, ela se refere ao fato da vida hoje estar melhor que antes, a despeito de se ver impelida a coletar latinhas para complementar a renda familiar.

Escolho encerrar o refletir a partir de Margarida retomando um de nossos primeiros encontros, quando ela se recolheu em um canto para que eu pudesse passar. A leitura que fiz da circunstância era de que se tratava de uma atitude de subserviência daquela mulher a uma pessoa estranha, o que indicava um conjunto de corporalidades e gestos que expressam “quem é quem” (KOFES, 2001), da perspectiva de como pode se manifestar a estratificação social a partir da circulação de pessoas num ambiente público. Cena que também me remeteu ao *habitus* bourdiesiano, considerando a distinção social corporificada

entre quem dá passagem e quem passa. Margarida, porém, afirmou se sentir alegre e se divertir quando vai ao lugar desse nosso encontro. O dilema aqui está em privilegiar a dimensão subjetiva na ação de simbolizar e dar sentido ao mundo, mas, ao mesmo tempo compreender em que medida o *habitus* e a violência simbólica (BOURDIEU, 2017; 2011), inerentes à estratificação social, se fazem presentes ao estabelecer fronteiras na estrutura social que não se convertem em objetos de reflexão por parte de minha interlocutora.

## Considerações finais

Entendo que em estudos que se dedicam a cotidianos de mulheres como Joana e Margarida e que, ao mesmo tempo, se propõem a não abrir mão da dimensão contextual, há sempre um campo de tensões entre as subjetividades que dão o tom do estudo e a objetividade analítica que não pode escapar ao compromisso científico. Esse tensionamento entre subjetividade e contexto, entre o empírico e o analítico, não diz respeito a compreensões excludentes, mas complementares e que dão sentido às reflexões que nos propomos a fazer. Ademais, nesse exercício, os cotidianos são assumidos como espaço de produção social, nos termos de Certeau (1994).

Destarte, não é possível oferecer argumentos conclusivos ou soluções. Entretanto, a partir da análise de como fenômenos complexos se materializam nas vidas de pessoas comuns, é possível, além de fomentar reflexões, mobilizar olhares mais atentos às diferenças e desigualdades. Somado a isso, faço eco à fala de Renato Babieri, diretor do filme *Pureza*<sup>7</sup> (2022) que, em entrevista a um jornal televisivo, disse que acredita que a partir de se permitir conhecer o Brasil profundo é que podemos construir um país melhor. Faz sentido, portanto, reforçar a importância da reflexividade que pode ser estimulada por textos etnográficos capazes de tensionar e reconfigurar narrativas hegemônicas (FONSECA, 2007), as quais contribuem para manutenção de certas estruturas, como aquelas que sustentam a desigualdade e a fome, por exemplo.

Reforço que as situações de fome que compõem as histórias de minhas interlocutoras reverberam muitas outras histórias e, também, revelam realidades de um Brasil profundo e de cotidianos populares desconhecidos de muitos. Tratam-se de

---

<sup>7</sup> O filme *Pureza* (2022), de Renato Babieri, lançado recentemente, conta a história real de Pureza — uma mãe que parte à procura do filho que saiu de casa em busca de trabalho e não retornou. A saga de Pureza, que corajosamente se inseriu em fazendas que mantinham trabalhadores em condições desumanas e, posteriormente, fez um conjunto de denúncias de tal tipo de situação, inspirou a instauração de leis trabalhistas federais que visam o combate do trabalho escravo.

realidades em que a fome mobiliza ações, como no caso de Joana e Margarida, que ao enfrentarem situações de falta ou privação alimentar tomaram para si a responsabilidade de prover sustento aos filhos.

As memórias da fome, uma vez compreendidas num contexto (auto)biográfico (FREITAS, 2003), dão sentido ao presente de Joana e Margarida, cada uma à sua maneira, mas, também, de maneiras que se intersectam. Ambas se reconhecem como pessoas que conseguiram superar adversidades e que têm uma vida melhor do que a vida de tempos passados. Dizem que o sofrimento decorrente da privação alimentar e da fome ficou para trás.

Não obstante, as histórias de Joana e Margarida refletem um contexto mais amplo — o da desigualdade social, da distribuição desigual de recursos, tanto no Brasil da época em que foram crianças, quanto da época em que se tornaram mães e, também, do Brasil do presente. Essa situação crônica, que Josué de Castro (1984) esperava (ou pelo menos acreditava) estar caminhando para ser superada, é hoje recrudescida pela potencialização da lógica do “homem escravo do dinheiro” (CASTRO, 1984) e pelo modelo econômico que cada vez mais supervaloriza latifúndios e monoculturas. Nunca é demais recuperar o que bem pontua Freitas (2003) — a fome, em qualquer nível ou circunstância que se apresente, é um produto da desigualdade.

## Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. A Escrita contra a cultura. *Equatorial*, Natal, v. 5, n. 8, p. 193–226, 2018.
- ABU-LUGHOD, Lila. *A escrita dos mundos de mulheres: histórias beduínas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. Estrutura, *habitus* e práticas. In: BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis, Editora Vozes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CIMA, Raphael Martins; VALE, Teresa Cristina de Souza Cardoso. A educação infantil em Diamantina (2007-2015): um estudo de caso. *Revista Científica Vozes dos Vales*, Diamantina, n. 9, ano V, p. 1–28, 2016.
- COSTA FILHO, Aderval. Saberes, memória, práticas alimentares e reprodução social da diferença no quilombo do Gurutuba – MG. In: WOORTMANN, Ellen;

CAVIGNAC, Julie. *Ensaio sobre a Antropologia da Alimentação*. Natal: ABA/ UFRN, 2016. p. 323–346.

CRAPANZANO, Vincent. *Tubami, portrait of a Moroccan*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 39–53, 2007.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. *Agonia da Fome*. Salvador: EDUFBA/FIOCRUZ, 2003.

GARAPA. Direção: José Padilha. Produção: Zazen Produções. Youtube. 2009. 106’30”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BbusRtpqiMI> >. Acesso em: 08 mar. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Sinal Aberto, 1960.

KOFES, Suely. Experiencias sociales, interpretaciones individuales: posibilidades y limites de las historias de vida em las ciencias sociales. In: LULLE, Thierry; VARGAS, Pilar; ZAMUDIO, Lucero (Coord.). *Los usos de la historia de vida em ciencias sociales*. Barcelona: Anthropos, 1998. p. 82–101.

KOFES, Suely. *Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2001.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 28, p. 375–405, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PUREZA. Direção: Renato Babieri. Produção: Marcus Ligocki, Paulo Morelli, Affonso Beato, Marcus Ligocki Júnior. Brasil: Downtown Filmes, 2022. Globoplay.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres. In: RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Editora Ubu, 2017. p. 1–62.

SERVILHA, Mateus de Moraes. *O Vale do Jequitinhonha entre a “di-visão” pela pobreza e sua significação pela identificação regional*. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

TEODORO, Débora Antonieta Silva Barcellos; MATTOS, André Borges de. Desigualdade e subjetividade: uma reflexão sobre histórias de vida de trabalhadoras coletoras de material reciclável. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 24, p. 1–19, 2019.

Recebido em 7 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de março de 2023.